

RECADOS DE VASCO

CECÍLIA TEIXEIRA DE OLIVEIRA

Recados do Vasco foi publicado há dez anos pela Coimbra Editôra, Limitada. Seu autor, Jorge Peixoto, é um português que sabe de Coimbra para contar aos estrangeiros que a visitam (1). Evasivamente êle se diz "um homem sem biografia", apesar de conhecer diversos países da Europa, o Japão, Estados Unidos, o Canadá e o Brasil e de ter escrito vários trabalhos sôbre Biblioteconomia. Bibliotecário da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e professor de Biblioteconomia no curso de Bibliotecário-Arquivista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Jorge Peixoto é o "amoroso de livros e manuscritos velhos" que só faz Literatura quando tem algo a dizer.

Em Coimbra, julho de 1958, classificando de narração, iniciou uma obra de cento e poucas páginas que é esta novela muito clara, muito simples e muito misteriosa que se chama **Recados de Vasco**. Os **recados**, achados num alfarrabista, são uma "espécie de diário ou história, escrita em boa caligrafia". Quem escreve, num dos anos de 1930 é Vasco de Souza Alvares.

Nascido em berço de ouro ou "recebido em bandeja de prata" como êle diz, com a morte do pai, vê-se de repente sem maiores recursos. Oscila então, nestas páginas autobiográficas, entre a inatividade, o trabalho, a mendicância e a prisão. Acaba por se casar com uma senhora de suficientes posses para mantê-lo numa vida sem preocupações. Trama simples, construída numa linguagem mais simples ainda, resultando desta simplicidade os obstáculos para a análise da obra. A princípio é como se Vasco fôsse homem de uma só faceta. Mais algumas páginas lidas e êle se apresenta um misto de orgulho e de humildade torpe, de inconsciência e de lucidez. Talvez seja êsse paradoxo que faz dêle o personagem absorvente que atrai a atenção a ponto de empa-

(1) Moysés Velinho foi um dos brasileiros que em Coimbra foi por êle guiado na visita da velha Universidade.

lidecer os seus **recados** que serão recebidos somente numa segunda leitura. Vasco é o homem fraco, que de repente precisa agir, defender-se, talvez agredir. Nada faz porque arrancado bruscamente de um mundo fictício de brinquedos não teve tempo para amadurecer. Crescera rodeado de conforto e de carinho, de esperanças e de rezas. O pai o protegendo menos, a mãe não lhe inculcando a esperança impossível o tivessem impedido de destruir-se na transição de seu "mundo de vidro" para o mundo dos homens. E seu aniquilamento foi quase total. Se não atingiu o absoluto, a morte pelo suicídio, foi somente porque resta vam-lhe sempre os princípios recebidos: "Senhor! Senhor! Que hei-de-fazer?... Dizem-me — têm-me dito desde que me conheço — que só Tu podes tirar a vida!..." São estes princípios a martelhar-lhe no cérebro que o impedirão, ainda que duvidando de uma vida futura, de um dia completar o seu gesto. A queda foi entretanto muito grande pois pertencendo a "uma das melhores famílias da região" acaba mendigo e prês. A cada passo as dificuldades amesquinham-no mais. E somente a situação de nôvo pobre é que explicará os seus rompantes de orgulho e de humildade porque Vasco não é intrinsecamente um orgulhoso ou um humilde. Suas atitudes lhe advêm de pressões exteriores. Assim a razão porque deseja "lutar para manter uma dignidade" pelo simples fato de que "há uma dignidade a manter" como também "há sempre uma elegância a manter" não é mais do que a remanescência de sua educação de menino rico de uma tradicional família. Esta educação o induz a julgar que "isto de mulheres da rua são capazes de tôdas as perguntas" e lhe permite discernir entre as mulheres do povo que levavam ao "prego" algo para vender, uma, que segundo êle ter certo ar de superioridade e "princípios". É também a educação recebida, que o leva a limpar roupas e sapatos ainda mesmo quando não tem o que comer e deve para isto recorrer à esmola. Aliás o seu aspecto exterior constitui sempre para êle uma preocupação. Vê toda gente olhar para sua roupa surrada, faz tudo para não ser surpreendido entrando numa casa de empenho e está convencido de que "um gesto bem desenhado é coisa que provoca uma impressão favorável". Em meio a êstes preconceitos é natural que pedindo esmolas à porta das igrejas, junto com os demais mendigos, evite aproximar-se dêles e é somente porque um insiste que êle suporta o diálogo. Da mesma maneira, quando na prisão, não se entrosa no grupo e por isso surpreende quando ao ser posto em liberdade diz adeus aos que ficam. Custa-se a admitir que seja a bondade que leva a tal gesto, ainda que noutra ocasião, vendo os vergões nas costas de um prês que apanhara, não resista e desvie os olhos. Esta sua atitude induz entretanto a pensar mais em covardia do que em piedade, porque Vasco tem mêdo de muita coisa: das sanções da lei, do guarda que berra muito, do olhar de desprêzo dos demais prisioneiros, de fazer

zangar a Dona Joaquina e por isso beijando-a na face, mesmo sem ter nenhum desejo de fazê-lo. Talvez êle não seja realmente mau. Num certo momento diz: "Acho que devia criar em mim o ódio". Acredita-se porém incapaz de atingí-lo. Atingí-lo duradouramente deveria ter dito, porque é perfeitamente capaz de sentí-lo por momentos, quando se crê oprimido. Mas então, ou deixa-se vencer ou reage de maneira quase psicopata. Quando tenta dizer a Dona Joaquina que se sente prisioneiro e ela não o entende, agarra-a com fôrça pelo braço: "Passou-me um não sei quê pela cabeça. Com certeza um disparate. Um pouco mais e não sei o que lhe teria feito. Caí em mim". Parece que uma nuvem lhe tolda os olhos por um momento e logo tudo passa: outras vêzes, porém, surge nêle tal ressentimento que exige um escândalo, uma vingança. Humilhado ou julgando-se humilhado pelo Senhor Lopes, êle vai reagir ao chegar em casa. Tem necessidade de violência, de jogar cadeiras pela janela, de fazer o mal. Encontra alívio para sua angústia na tortura das moscas, retirando-lhes as asas, as pernas, a cabeça. Fora dêstes momentos de cólera, Vasco é passivo, incapaz de achar alguma cousa, sejam ninhos, sejam soluções para resolver seus problemas economicos. Espera sempre que os estranhos lhe indiquem o caminho ou simplesmente que o acaso tudo resolva. "Sempre com ar apavorado, como se as coisas se passassem muito longe", dir-se-ia que Vasco está irremediavelmente alheado a tudo. Por isso é deveras digna de nota, a atenção com que observa a sociedade ou a si mesmo e as observações que emite são verdadeiramente lúcidas. No seu ambiente, como em muitos outros, o preconceito e a burocracia são como que instituições nacionais. Vasco sabe que ao entregar sua casa aos credores descerá na "consideração de todos". E não ignora também que se os primos souberem que recebe ajuda da assistência social fugirão para sempre de sua presença. Procura defender-se dizendo-lhes que os papéis que estão sôbre a mesa pertencem a um pobre protegido seu. Diante da burocracia, entretanto, não há defesa: "E os papéis sem estarem prontos. E o hospital a dizer que não, pois os papéis não estavam prontos. E o hospital só dirá que sim, quando os papéis estiverem prontos. E ela a sofrer". Se o socorro para uma doente demora a chegar, a autoridade, esta não falha. Vasco não se esquece disto, quando irritado, quer lançar uma cadeira pela janela; não o faz pois não quer "complicações com a autoridade que nestes casos, aparece sempre". Não menos interessantes são os seus juízos sôbre alguns elementos da sociedade. Para Vasco só há duas espécies de leitores: "a dos falhados na vida, que lêem os anúncios, e a dos instalados na vida, que lêem e fazem artigos de fundo". Dêstes êle desconfia. Não acredita nos elogios mútuos nem na aparente defesa de uma idéia. Seu ceticismo o leva mesmo a perguntar-se quanto ganhará quem escreve para elogiar ou defender. Ligados na sua

mente ao dinheiro estão também o médico, o patrão e a dama de caridade. No médico vê o comerciante que equilibra a doença com o ouro; no patrão o egoísta que julga ser o empregado a máquina para servi-lo; e na dama de caridade a mulher frustrada para quem a existência do pobre é apenas uma ocasião para aliviar a consciência quando lhe dá a esmola. Trata-se talvez de uma visão pessimista de tudo mas foi certamente através da experiência pessoal que Vasco chegou a ela pois lê o jornal à procura de emprêgo, trabalha para um patrão viciado e despótico, necessita do médico estando sem dinheiro e mendigo, conhece de perto a dama de caridade. Esta, que se acha extremamente bondosa, capaz de grandes sacrifícios pelo próximo, precisa do pobre não somente para dar-lhe o tostão que lhe sobra, mas também para possuir alguma coisa. Para ela não basta ter dinheiro e achar alguém para dar, é-lhe necessário, neste velho desejo burguês de possuir, que este alguém seja, de certa maneira, propriedade sua. Por este motivo quer fazer de Vasco o seu pobre, chegando mais tarde a transformá-lo em seu marido. Vasco passa a observá-la como espôsa: "Dona Joaquina não era viçosa nem bonita. Mas deveria ser uma magnífica dona de casa". Isto é verdade. Enquanto o marido permanece na cama até tarde, Dona Joaquina levanta-se mal clareia o dia para limpar e arrumar a casa. Vasco talvez não entende de mulheres mas não deixa de observar que ela fazia aquilo por "simples distração, para matar o tempo". Entretanto não é somente os outros que êle vê. Tem perfeito conhecimento de si mesmo, de que é tido por "um pobre diabo incapaz de pôr um pé atrás do outro". Parece não se incomodar muito com isto, é como se fôsse algo irreparável. Não tendo fôrças para revoltar-se, êle transforma a miséria, a fome, e o frio em novas experiências que o enriquecem psicologicamente. Então pode falar sôbre a fome, "a que o pobre tem, aquela que se manifesta no estômago, a que dá fraqueza nos braços e na cabeça...". Conhecendo-a é que apela para a mendicância quando se encontra sem recursos, ainda que tenha nojo de si mesmo e daqueles que dão. "É de resto, nunca se viu ninguém obter coisas de vulto, rogando, suplicando" diz em dado momento como se tivesse uma grande experiência de vida, ou pelo menos esta que o leva categòricamente a dizer que "Todos nos vendemos". Emite esta afirmativa porque presume que será acusado de ter-se vendido ao casar para solucionar de vez os seus problemas econômicos. Reconhece que aquêles que criticam a sua atitude comodista não o ajudariam se êle se encontrasse outra vez na sargeta. Ao generalizar "todos nos vendemos", Vasco se isenta de uma culpa, pois o vender-se sendo praticado por todos — dependendo do preço e da ocasião — deixa de ser sujeito a julgamentos. Entretanto, não liberto de seus preconceitos, no instante em que diz a Dona Joaquina que um homem precisa andar na rua, recebendo em trôco desta afirmativa, um olhar

de desdém, admite imediatamente que "um homem trabalha não fica às sopas das mulheres". Compreendendo as próprias limitações e fraquezas e as debilidades da sociedade, surge em Vasco como uma constante, o desejo de evasão. Os credores que discutem sobre os seus bens não criam nêle a reação de defesa, mas a fuga, a vontade "irresistível de voltar aos ninhos", isto é à infância despreocupada. De outras vêzes deseja o sono de um inverno ou deixar-se ficar, isento de cobiça, sem nada fazer, simplesmente olhando os carros que passam numa estrada. Há ainda nêle o momento em que aspira à morte. Não a que é antecedida por um gesto da vontade, mas a outra, semelhante à desejada por Godofredo de **Alves & Cia**. O personagem de Eça, desesperado com a traição da mulher, pensa na morte: "Morrer ali, sem se mover". Para Vasco também é demasiado trabalhoso o esforço que deve fazer para matar-se. Passa então, muito devagar sob um andaime na esperança que êle caia e termine com sua vida. Paralelamente a êstes anseios simplistas de fuga da realidade, há a fuga sutil que é "entender" a dura experiência da cadeia como algo que lhe aflorou apenas a pele. De certa maneira talvez tudo o que lhe acontece chega apenas a tocar-lhe. Nos primeiros choques ainda se pergunta por que, depois dá a impressão de haver-se resignado. Na sua complexidade, no seu amálgama de atitudes contraditórias êle não analisa, explica ou conclui. Observa simplesmente e anota. Estas notas são os seus recados; reflexões sobre o que todos poderiam ver se quizessem. Assim, figura central e quase absoluta, empalidece os demais personagens que se justificam na medida em que vem completar os recados. Diz um mendigo: "Então já se viu um pobre ter direito?" frase que lhe foi certamente insuflada na sua passagem pela cadeia onde um guarda exclama: "Um pobre vale menos do que um cão: só incomoda". O patrão completa Vasco. Como êle divide os homens em duas espécies. Só que estando num campo oposto, a sua base é o poder: para êle há os que se fazem obedecer e os outros. A verve é a mesma em ambos, que se equivalem pelo berço e pela educação. Se o patrão vai além é porque não teve seus recursos econômicos truncados como aconteceu a Vasco. Disto resulta que sua experiência ultrapassou o meio ambiente, ao contrário de Vasco que conhecia pouca gente ao chegar à vida adulta. A partir de então, aquêles que vai conhecendo ou as circunstâncias em que se encontra vão sugerir as observações que emite. Mas seu universo é ainda pequeno. O patrão, embora lendo o "Diário de Notícias" e escutado a "Radio Clube", tendo conhecido outras terras pode falar em "instituição tipicamente nacional símbolo da chateza desta vida". E sobretudo interessante é a sua constatação da influência da França em Portugal. São as mesmas expressões — **macaqueação, espelho deformado** — das usadas pelos escritores de fim do século XIX. Por isso não gosta de Paris e no mo-

mento de saturação de seu meio ambiente, procura outro que não seja latino: América, Inglaterra, Alemanha. Trata-se ainda de uma fuga, mais precisamente de uma busca mas tudo leva a crer que êle não está destinado a nada encontrar de diferente. Já chegou à conclusão definitiva quando discorre sôbre o Homem "este bicho que come, bebe, vive enfim, não sei para que". Mas Homem êle mesmo não pode fugir à sua condição, por isso parte procurando encontrar noutros sítios o que deseja. Vasco também ignora para que vive e não consegue encontrar seu lugar na sociedade. Chega a reconhecer dentro de sua inadaptação que se fizesse como os outros, se integrasse, tudo iria bem. Sabe, entretanto que é incapaz de fazê-lo e se menciona um ideal de vida, êle se resume em querer dias tranqüilos, um rádio, umas pantufas, um jornal. Como marido de Dona Joaquina, alcança o que almeja: seus dias são calmos, suas manhãs se prolongam até às onze, na cama, suas refeições, para as quais não precisa ganhar, são servidas a horas certas. E eis que surge nêle uma nova insatisfação: quer ser livre. Este anseio ainda que indefinido, porque Vasco num dos seus momentos de inconsciência não sabe do que deseja libertar-se, é a última e verdadeira imagem que permanece dêle. A passividade que procede a sua tomada de consciência é momentânea, uma atitude exterior. No seu íntimo ficará sempre latejando a insatisfação. Um dia êle vai amadurecer e voltará à carga, procurando alcançar o que deseja e mandando outros recados. Êstes foram bem sutis e quem sabe se recebidos corretamente. De tôdas as maneiras uma dúvida se põe. Jorge Peixoto nos diz que só faz Literatura "como uma maneira de expressar um certo momento psicológico". **Recados de Vasco** seriam por conseguinte um desabafo, uma catarse, se acreditarmos como o personagem de Veríssimo, que a obra de arte é a doença da alma assim como a pérola é a doença da ostra. Sendo Jorge Peixoto um "homem sem biografia" surge inesperada e fâcilmente o desejo de saber o que o levaria a ter necessidade de um desabafo ou de uma catarse.